



# OLHO CLÍNICO

José Lourenço

## »» Pára, arranca



José Lourenço

A Tertúlia da Saúde sobre a sustentabilidade do SNS leva-me a escrever estas linhas, esperando com isso não criar nenhuma redundância com o tratamento jornalístico dado pela equipa RCM Pharma.

Não me vou perder em tudo o que foi dito, embora existam algumas coisas sobre as quais gostaria reflectir, com base nalgumas opiniões dos convidados.

Já aqui escrevi sobre o que me parece ser a necessidade de se estabelecerem pactos de regime ou consensos de alguma forma, em torno das Obras Públicas, Educação, Justiça, Saúde...

Na minha opinião, os partidos não perderiam a sua identidade e julgo que só um cego e pouco patriota desejo de captar votos os faz estar contra tudo e subscrever posições de terra queimada, quando existem denominadores comuns que permitiriam que tal acontecesse! Se ir comer à mão do (s) partido (s) que estiver (em) a Governar no momento é o problema, caberia a uma iniciativa presidencial contribuir para que os interesses partidários se seguissem aos do País, e não o contrário!

A sucessão política não deveria pôr em causa medidas que não são conjunturais, mas estruturais!

Temos no País um número significativo de pessoas de competência reconhecida (directores gerais de algumas organizações), que trabalhando numa administração supra partidária manteriam o ideal funcionamento do País, assessorando ministros ou substituindo-os em períodos de transição. Ainda me lembro que, numa empresa pública onde trabalhei (RDP), quando mudavam os governos, principalmente de 1976 até 1983,

mudava tudo: as recepcionistas, os serviços gerais, motoristas, etc. E o mesmo se passava por todo o lado!

Agora os boys continuam a existir, mas de forma mais burilada, e espero que essa prática se limite no futuro ao estritamente razoável.

### **Voltando às Tertúlias:**

Quando no debate se confrontaram formas de gestão pública e privada, percebemos o ridículo de comparar o report de um gestor privado a Ricardo Salgado (Bes Saúde) a um report de um gestor público o Ministro da Saúde.

O primeiro tem uma lógica sequencial e empresarial, enquanto o segundo é passageiro e inconsequente.

Calculo que para o ego dos gestores públicos deve ser importante reunir directamente com o Ministro, e para este dá sempre aquela impressão de estar junto das operações numa relação de *proximidade de quem está a par...* Devem ser diálogos de antologia entre cegos e invisuais!

Vem outro Ministro, outro Gestor e o circo continua, principalmente porque o governante o é temporariamente, antes de o ser fez algo de completamente diferente, o que se repetirá quando se for embora!

As medidas avulsas implementadas em nome da defesa da sustentabilidade do SNS só comprometem esta última. Neste navegar à vista, no fundo, são os interesses pessoais ou corporativos que se mantêm e saem reforçados! Fica um louvor final para os promotores desta iniciativa (Tertúlias da Saúde) que permite *inquietar alguns espíritos*, o que está na base das mudanças que acabam sempre por acontecer.

Seria bom que por opção e não por fatalidade! ■